

Caixa Econômica, possibilitando-lhes um dos meios para a solução de problemas urgentes e inesperados, comuns a todas as famílias.

Sr. Presidente, nosso intuito, ao mostrar as dificuldades por que atravessa aquela classe laboriosa, é ajudar no encontro de uma solução que a todos contente e conscientizar as autoridades competentes para que voltem suas atenções para esse grupo de brasileiros que, com esforço e sacrifício, muito colamorou e colaborará para o desenvolvimento do País.

Era o que eu tinha a dizer.

O SR. HÉLIO LEVY — (ARENA — GO. Pronuncia o seguinte discurso.) Sr. Presidente, Srs. Deputados, importante observação vale ser feita desta tribuna, no interesse do futuro de muitas regiões brasileiras, que, como o interior do Estado de Goiás, podem ser vítimas dos atos imediatos dos concessionários das linhas da aviação comercial.

A VARIG, que de há muito explorava as ligações aéreas no interior goiano, por meio de um simples aviso, tipo circular, comunicou às autoridades e ao povo sua decisão de não prestar aquele serviço.

Com isto, localidades importantes, do norte, do sudeste e do sudoeste de Goiás, ficaram sem qualquer intercomunicação, umas com as outras e todas com a Capital do Estado.

Não há nenhuma sanção contra a empresa. Suas alegações, de ordem econômica, são suficientes para que suas razões sejam aceitas, sem maiores perguntas, nem mesmo consultando os prejuízos de ordem política, social e de segurança interna para o Estado e o País.

Mas o Poder Público não pode deixar desprotegida toda uma população, filhada em suas comunidades, carente de meios de comunicação e transporte, tão eficientes e rápidos, como o avião, ainda que de pequeno porte.

Os extremos goianos reclamam, por questões de integração e segurança, que sejam adotadas medidas práticas, solucionando o problema criado pela decisão brusca e imediata da VARIG, que, justiça se faça, sempre prestou eficiente serviço ao povo de Goiás.

A indústria brasileira tem alcançado estágios de desenvolvimento que hoje permitem encontrarmos, com os nossos próprios recursos, meios para solucionar os problemas que se apresentam.

Todos somos sabedores do desenvolvimento de nossa indústria aeronáutica, que a cada dia constrói mais aviões, que já deram prova de versatilidade e utilidade para as condições dos aeroportos e campos de pouso, distribuídos por todo o interior brasileiro.

A Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A. fabrica e fornece os aviões do tipo "Bandeirante", suficientes para atender aos reclamos de Goiás nesta emergência.

O Governo do Estado, que não pode alheiar-se ao fato, deve adotar as medidas cabíveis. No interesse de todos, permito-me sugerir ao Sr. Governador do Estado de Goiás a solução mais cabível.

Creio que o Estado, em convênio com a Força Aérea Brasileira, pode e deve adquirir da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A. pelo menos um aparelho do tipo "Bandeirante", que suprirá a lacuna deixada pela VARIG, impedindo que as populações do norte, sudeste e sudoeste do Estado continuem carentes de transporte e comunicação.

Segundo pensamos, o referido avião seria adquirido pelo Estado e receberia manutenção da FAB, servindo a um e a outro, em escalas de tempo/vôo que satisfariam às necessidades de ambos os convenientes, cabendo ao Estado servir-se do aparelho, em média, 48 horas mensais, ou seja, 12 horas semanais.

No percurso Goiânia-norte do Estado, operando um dia, indo e vindo com escalas que intercalem as cidades, facilitando as operações de subida e descida e promovendo a economia de combustível, por alcançar o avião sua velocidade-cruzeiro, seriam gastas 7 horas de serviço.

Em outro dia da semana, pela manhã, no sentido sudeste e, à tarde, indo para o sudoeste, o mesmo avião gastaria duas horas e meia para cada serviço, totalizando as doze horas semanais.

Nos demais dias, o "Bandeirante" prestaria serviços à FAB, que, além da manutenção, concorreria com o seu pessoal, cabendo ao Estado financiar as peças de reposição e todo o combustível.

Podemos adiantar que o "Bandeirante" está orçado atualmente em Cr\$ 5.825.000,00, que são financiados pela FINAME, num prazo de oito anos, com três anos de carência.

Não é impossível, portanto, ao Governo do Estado de Goiás promover a compra do aparelho sugerido, com o qual garantirá a integração do Estado, prestará um grande serviço de caráter social e permitirá sejam socorridas em suas necessidades todas as cidades do interior goiano.

Esta a sugestão que fazemos ao ilustre Governador Irapuan da Costa Júnior, na certeza de que S. Ex.^a, sensível aos problemas do povo, tomará as medidas cabíveis para corrigir a lacuna deixada pela VARIG quando, repentinamente, retira suas aeronaves do sistema de comunicação aérea do nosso Estado.

Era o que eu tinha a dizer.

O SR. ANTONIO BELINATI — (MDB — PR. Pronuncia o seguinte discurso.) Sr. Presidente, Srs. Deputados, quando o mundo estiver se preparando para comemorar, em 1995, o 1.º centenário da descoberta dos Raios-X, o Brasil já deverá ser não só auto-suficiente como até exportador de filmes para Raios-X e para radiografia. É o que anuncia o BNDE, quando revela que vai entrar na composição acionária de uma empresa que pretende implantar no País a primeira fábrica no gênero. Terá essa indústria capacidade inicial para produzir 3,2 milhões de metros quadrados de filmes radiográficos, devendo atingir logo a marca de 4 milhões de metros.

Entrando em composição com firmas japonesas e um grupo brasileiro, e mantendo maioria acionária, o BNDE capitaneará uma empresa que deverá, a médio e curto prazos, expandir sua linha de produção para outros setores, como o fotográfico e o de artes gráficas. Os filmes radiográficos brasileiros, entretanto — dizem os técnicos do BNDE — deverão inovar algo no mercado internacional, pois poderão oferecer dois anos de garantia, e não apenas um ano, como acontece com os filmes que o Brasil agora importa dos Estados Unidos, do Japão, da Bélgica, da Alemanha Ocidental e até do México.

Não é a primeira vez, os Srs. Deputados sabem, que o Brasil revoluciona o mercado de filmes radiográficos. É da autoria de um cientista brasileiro, o médico Manuel Dias de Abreu, a invenção do écran fluoroscópico para fotografia, que ficou conhecido como abreugrafia. Essa técnica, hoje universal-

mente aplicada, é usada em filmes de 35 mm, especialmente para a radiografia do tórax. Devido ao seu baixo custo e grande eficiência na descoberta de lesões pulmonares ou cardíacas, é indicada para cadastramento médico em massa e revolucionou essa especialidade principalmente nos países subdesenvolvidos.

Se se vier a concretizar a promessa de fabricação de filmes que possam ter dois anos de garantia, ao invés de um, como acontece nos centros produtores do mundo todo, o Brasil estará contribuindo, mais uma vez, com um grande contingente de técnica na luta contra algumas das doenças que mais matam, no mundo todo, neste século.

A euforia deste anúncio Srs. Deputados, nos faz pensar que alguma coisa neste País ainda está errada. Poderíamos ter capitalizado com muito mais perspicácia a enorme onda de simpatia que, do mundo todo, envolveu o Brasil, quando se projetou em escala universal a revolucionária técnica da abreugrafia, o que já poderia ter-nos permitido auto-suficiência na produção de filmes radiográficos há muito mais tempo. No entanto, importando esse item até do México, só agora estamos pensando em efetivamente suprir o mercado interno com produto nacional e melhor do que o que o mundo todo consome, com perspectivas de exportação. Vivemos, nesse setor, como em alguns outros, à sombra até de nações com desenvolvimento inferior ao nosso, por culpa exclusiva das autoridades governamentais. Está provado agora que, com um pouco mais de arrojo, a iniciativa que o BNDE tomou, no setor, já poderia ter sido tomada há dez anos, no mínimo.

De qualquer forma, fica o registro da notícia auspiciosa. Oxalá estejamos, realmente, a caminho da emancipação também no setor da produção de filmes radiográficos, mesmo que seja em companhia de empresas multinacionais, tendo à frente o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico.

O SR. SANTILLI SOBRINHO — (MDB — SP. Pronuncia o seguinte discurso.) Sr. Presidente, Srs. Deputados, recorde Caxias — paradigma e símbolo do soldado-estadista — para reviver o pensamento luminoso com que justificou a concessão da anistia aos brasileiros do seu tempo:

"Este é o meio mais profícuo para o resguardo do bem do Estado."

Esta reminiscência, Sr. Presidente, Srs. Deputados, acode-me em razão da atualidade brasileira, quando mais se acentua, sobretudo em face dos anúncios reiterados de um processo gradualístico de descompressão, a imperiosa necessidade de pacificarem-se os espíritos e recuperar-se o regime das liberdades públicas.

A Igreja, o Parlamento e a Imprensa não cessam, mesmo com as limitações em que vivemos, de arejar o tema, convocando para ele a atenção do Governo e do Povo.

Mas aquilo que pretendo pôr em destaque, pelo seu merecimento e pelo seu conteúdo, é a presença atuante da mulher brasileira na luta por aquele ideal, pois, repetindo velhos conceitos, de conteúdo específico, não é possível entender que aqueles que foram punidos, e que já cumpriram suas penas por mais de dez anos, continuem eternamente marginalizados.

Celebra-se — neste ano de 1975 — o Ano Internacional da Mulher, sob os auspícios da Organização das Nações Unidas. Patriota e ativa, consciente de sua missão social, a mulher brasileira, representada por todas as classes sociais, entendeu de comemorar a efeméride de forma ativa e alteada, isto é, trabalhando ardentemente em favor da pacificação da família brasileira.

Mães de família e profissionais liberais, universitárias e trabalhadoras — todas elas se uniram para lançar, com mais completa e a mais vívida presença das mulheres brasileiras, de todos os recantos do País, o Manifesto da Mulher Brasileira, documento onde o coração e a inteligência se somam na busca ardorosa do reencontro com a plena posse dos direitos cidadãos a quantos, sem forma nem figura de processo, foram aliçados da vida útil da nação.

No Congresso Nacional não tem sido poucas, menos ainda desvaliosas, as vezes que por isso clamam; a Imprensa, mesmo limitada, luta por ideal assim; a Igreja clama, ora e pede, como neste feliz exemplo de D. Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo:

“É o momento de nos unirmos ao pedido do Papa Pio VI e dos bispos do Sínodo em favor de uma anistia generosa para os presos políticos em nosas terras, por ocasião deste Ano Santo.”

No meu São Paulo, onde o movimento feminino em prol da anistia vai ganhando substância e se espraiando por todo o Brasil, ressalta o trabalho ininterrupto e gigantesco desta grande compatriota, D.^a Terezinha Godoy Zerbine, fecundo e felicíssimo exemplo da competência, do carinho, do entusiasmo e da dedicação da mulher brasileira de hoje e de todos os tempos.

Este registro, Sr. Presidente, não visa à pessoa, dirige-se à causa. Mas, em verdade, causa e pessoa fundem-se tão nobremente que eu próprio me felicito da lembrança de fazê-lo, pois espero que as Terezinhas Zerbine se multipliquem, ao infinito, por todo este imenso País, e que o seu esforço resulte na materialização da providência pacificadora e cristã que é o grande e urgente anseio do Brasil que é nosso: a anistia política!

O SR. ERNESTO DE MARCO — (MDB — SC. Pronuncia o seguinte discurso.) Sr. Presidente, Srs. Deputados, quanto mais se fala, neste País, em melhoria de condições de vida das populações menos favorecidas, mais as coisas se complicam, em muitos casos por culpa dos maus administradores.

Tenho recebido inúmeras cartas e telegramas de pessoas residentes no Município de Chapecó, no Estado de Santa Catarina, reclamando contra atos do Prefeito local, Sr. Altair Wagner, que majorou, com a conivência da Câmara de Vereadores, onde a ARENA tem a maioria, em até trezentos por cento os impostos municipais, notadamente o Imposto Predial e Territorial Urbano, além das taxas, que foram elevadas em mais de 60%.

O Sr. Altair Wagner, Sr. Presidente, eleito em 15 de novembro de 1972, durante a campanha política, pregava através do rádio e em praça pública que, se eleito Prefeito Municipal do progressista Município de Chapecó, faria um governo humano, identificado com os problemas e as necessidades do nosso povo, dando maior assistência ao operário, ao agricultor, ao comerciante, ao industrial, enfim, tudo faria para o bom desenvolvimento econômico e social do Município.

Entretanto, aconteceu e está acontecendo exatamente o contrário. Logo ao assumir a Prefeitura, esquecendo-se daquilo que prometera e anunciara largamente, aumentou os impostos em mais de cem por cento, no primeiro ano. No segundo ano, esses impostos foram majorados em mais de duzentos por cento. Agora, o aumento chega a trezentos por cento, e não se sabe até quando vai perdurar essa alta desenfreada, sem que tenha havido, até aqui, qualquer melhoramento ou forma de compensação. Isto é um absurdo.

Como pode esse Prefeito querer o desenvolvimento do Município se ele próprio é o primeiro a onerar a bolsa do povo?

As estradas do interior, aquelas destinadas ao escoamento da produção e à circulação de riquezas, estão em péssimo estado de conservação. As obras de saneamento básico prometidas para os Distrito não foram feitas até agora.

Chapecó, que a partir de 1967 passou a ser conhecida como a “Cidade das Rosas”, pela sua beleza paisagística e pelos seus belos ajardinamentos, é hoje a cidade dos espinhos, da má conservação, causando péssima impressão ao visitante. Algo de muito grave está ocorrendo naquele município catarinense, em flagrante desacordo com as diretrizes do Governo Federal.

Poder-se-ia dizer, Sr. Presidente, que está proibido residir em Chapecó, ante os altos índices dos impostos baixados pelo Prefeito Municipal. Reina grande descontentamento entre a população e não se sabe até quando vai durar este estado de coisas.

Por outro lado, essa mesma administração estabeleceu uma taxa elevadíssima para conservação da estação retransmissora de televisão, não sabemos com que amparo legal.

Que espírito de vingança estaria jogando o Prefeito de Chapecó contra seus municípios? Sinceramente, Sr. Presidente, Chapecó, um dos mais importantes municípios do oeste catarinense, não merece o Prefeito que tem. O que ele está fazendo não condiz com a tradição de “Cidade das Rosas” e de “Município-Progresso” com que sempre foi distinguido.

Fazemos este registro, com vistas às atenções do Ministério das Comunicações, através do DENTEL, para que mande examinar a forma pela qual está a Prefeitura cobrando esta taxa de conservação da estação de televisão.

Fica aqui, Sr. Presidente, o nosso protesto em defesa dos altos interesses da população de Chapecó, e o apelo ao Ministério das Comunicações sobre a cobrança da famigerada taxa de conservação da torre de televisão.

Que o progresso da região não seja implantado às custas do sacrifício de sua honrada e laboriosa população.

Era o que tínhamos, Sr. Presidente, para o momento.

O MONSENHOR FERREIRA LIMA — (ARENA — PE. Pronuncia o seguinte discurso.) Sr. Presidente, Srs. Deputados, foi realizada ontem a Páscoa dos Parlamentares, no Santuário de Dom Bosco, na W-3, nesta cidade. Foi um acontecimento religioso de grande significação e que marcou, na vida desta Casa, um sentimento de profunda fraternidade espiritual.

Esses encontros de cunho espiritual tão definidos são verdadeiros oásis em meio às asperidades de nossos trabalhos parlamentares, tantas vezes áridos e sem cunho humanístico. Devemos marcar em nossas almas o sentido espiritual de nossa missão, como políticos e cristãos, responsáveis pela feitura das leis que são os fundamentos da Pátria.

A vida política do País é o reflexo do trabalho e da ação construtiva de seus homens públicos, nas mais diversas categorias de atividades, sempre norteados pelas luzes da verdade em função do bem comum.

Sr. Presidente, para deixar bem assinalada, na vida parlamentar desta Casa, mais um fato histórico que não deixa de marcar em todos nós um sinal de compreensão humana, passo a ler, para que conste de

nosso Anais, a belíssima alocução proferida pelo Ex.^{mo} Sr. Arcebispo Dom José Newton. É uma mensagem de amor cristão, vazada no mais profundo espírito do Evangelho. As palavras do Sr. Arcebispo confortam os parlamentares, constituindo-se, ao mesmo tempo, em um estímulo vigoroso para a luta ininterrupta de cada dia e ainda um reconhecimento à missão nobilitante dos que compõem as Casas do Congresso Nacional.

“Os Senhores realizam hoje um encontro diferente, em meio aos intensos trabalhos e preocupações da vida pública. Comparecem neste ambiente calmo e sereno para receber, no Sacramento de sua real presença, o maior dos amigos, Aquele que pode satisfazer plenamente a fome e a sede de afeição que o coração humano sente.

“Sem um amigo, não se vive feliz” — diz a “Imitação de Cristo”. Jesus é esse Amigo incomparável. N’Ele, a Beleza, a Bondade e o Amor, tomaram forma sensível. Honra para nós, Deus, que não mente nem exagera, nos chama de amigos. Ele não se considera Senhor, mas, Amigo. Não fosse, aliás, assim — como disse alguém — Deus acabaria sendo “um Deus teológico, um Deus histórico, um Deus transcendente, um Deus racional e científico... um Deus morto.”

De fato, amigo IDEAL é aquele que é acessível, bom e fiel. Pois, desde logo, Jesus é um Amigo acessível, sempre abordável. Um autor indaga em seu livro sobre “Jesus Cristo”: “Onde o amigo, que nada é capaz de afastar de nós: distância, negócios, interesses, diferenças sociais? Onde os amigos aos quais podemos ter acesso, para tratar, consultar, incomodar, a cada momento, sem receio de sermos indiscretos e com a certeza de lhes sermos agradáveis?” Só há um, indefectivelmente à nossa disposição: Jesus Cristo. Graças ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia, Ele aí está, não só a cada dia, mas, a cada hora do dia.

O amigo com quem sonhamos, deve, sobretudo, ser BOM. Bom, supõe uma série de qualidades, como: devotamento, desinteresse, generosidade, paciência.

— Conta-se de Rabelais, que teria dito: “Mantê-los-ei até o fogo... exclusivamente!” Quantos dizem, ou sentem, de seus amigos: “Eu lhes quero bem, até o fogo... exclusivamente!” Outra foi a palavra de Cristo: “Não há maior prova de amor do que dar a vida pela pessoa amada.” Disse e fez!

Quem O teria imitado? quem, neste vasto mundo, ter-se-á deixado flagelar, cobrir-se de bofetadas, ter as mãos e os pés cravados e o costado traspassado, por mim? Quem foi o generoso amigo, que a tudo isso se submeteu, para salvar-me?

São Vicente de Paulo, o herói da caridade, certa vez, ofereceu-se para substituir no cárcere um condenado. Imaginemos o sentenciado, depois de solto, encontrando S. Vicente algemado, no fundo da cela antes ocupada por ele! Qual comovida gratidão! Pois, é o que devíamos experimentar, contemplando o Crucificado Cristo Jesus. Merecemos o castigo do pecado, e Ele nos substituiu na hora da expiação.

Desinteresse: eis uma nobre palavra, que agrada a todo coração nobre. Mas,